



## Arte é sempre atual

Um assunto em que repisamos, sempre que a oportunidade se apresenta. Só deve escrever sobre esporte e sobretudo difundir opinião quem realmente entende de esporte. Sobre política quem estiver capacitado para enfrentar com a devida responsabilidade opinião capaz de corresponder a uma atualidade da idéia emitida, para que o leitor entendido não venha a rir dessa opinião e seu jornal, revista ou livro, decaia para o desprezo e acabe por perder leitores. Que se pensaria de um cronista ou mesmo um noticiarista de polícia, que se comportasse com o saudosismo dos remotos acontecimentos ao tempo do Rio colonial? Calcule-se nosso companheiro de página Titto Santos (colunas lado a lado) bordando sua crônica de Noites Cariocas com detalhes que fugissem à atualidade que lhe compete, desde o critério na apreciação do fato até o jeito apropriado de escrever. Pense-se no nosso Alvaro Vieira procurando, em sua sempre útil crônica, destratar o progresso da medicina e a apresentar argumentos que procurassem salvar as velhas e superadas receitas. E o bem informado companheiro Valdemar Cavalcanti dizendo a seus leitores que a literatura moderna só a custa de publicidade existe. Seria o fim do mundo!

Nas coisas de arte, em seu terreno imenso e variado, o mesmo deve passar-se, a responsabilidade continua igual. Por uma deficiência para se atinar com decisivo respeito à atualidade, não se deve acreditar na posse de um direito de opinar, condenando ou menosprezando o sentido de modernidade que está absolutamente ligado à evolução da cultura. Não tem justificativa o gesto de um jornalista que sabe assumir compromissos com a informação válida e inteligente, dar guarida em seu trabalho e ampliar a repercussão de opiniões alheias que atentam contra a validade e a inteligência da informação que lhe cabe veicular. Afinal o dar acolhimento a tais absurdos, é bem fazer-se dono também deles, será uma maneira de, consciente ou inconscientemente passar adiante o que se pensa ou se julga certo, porém escondendo na responsabilidade alheia. Pelo menos uma forma de presente sádico remetido em fino papel de seda.

O Salão Nacional de Belas Artes resulta num reduto onde se encastela uma superada mentalidade artística e intelectual. Quando se criou o Salão Nacional de Arte Moderna, foi poupada aquela velha exposição coletiva oficial, num arranjo brasileiro (deixa ficar como está para ver como fica) para que aqueles, que se comportavam refratários à evolução, tivessem para adiante um pouso até desaparecerem. Mas sucede que isto serve de meio para que o mal prossiga em jovens que por falta de um criterioso discernimento vão acomodando-se ao mal exemplo. Assim mesmo são muitos os que reagem e demonstram-se refratários, não gostam da caduquice antes do fim. Constituem alguns bons exemplos que se pode assistir ali. Os maiores prêmios, nos últimos anos lhes têm cabido. Exemplo é o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, dado ao pintor Fonseca Júnior, que apesar de não ser um jovem, sempre se demonstrou insatisfeito, refratário mesmo, ao conformismo acadêmico ou saudosista.

Não podemos aceitar que se veicule nos dias que correm, declarações como esta, de uma pintora daquele «Salão»: — «(...) o acadêmico é superado pela arte moderna apenas em termos de promoção, — mas não como arte».

Atualidade artística é uma questão de mentalidade evoluída. Todos os grandes artistas foram atualizados, isto é, viveram sua época e a ela irmanaram sua obra. Em tôdas as épocas os incapazes, ou de mentalidade prejudicada pela má compreensão do problema criação artística, fizeram-se defensores e usufrutários de velhas fórmulas que nem mesmo sabem repetir como o foram elas na origem.

— «Assim prosseguem as diferenças de opinião, enquanto o público quer encontrar beleza — pintura acadêmica ou moderna-bona», é uma conclusão ridícula, para quem assume responsabilidade ante a informação. Arte boa é sempre moderna, atualizada. A velha, mal ajeitadamente feita hoje, é incontestavelmente ruim, pois não lhe assiste nenhuma condição para ser diferente.